

VIGNA, Elvira. *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 212p.

O título insólito do romance faz sentido porque João, a personagem principal da obra, é obsessivo por aventuras com garotas de programa. Além das prostitutas, duas mulheres estão presentes em sua vida: Lola, sua ex-esposa, e a narradora, inominada, a quem ele relata seus causos sexuais. Todas essas mulheres vão se acumulando com o passar do tempo, sem nenhum tipo de hierarquia entre elas: “Vem por cima das outras. Lola incluída aí. Eu também. Nenhuma de nós de fato com uma existência separada. Só traços sobrepostos, confusos, não claros. Como se estivéssemos, todas nós, num palimpsesto” (p. 178).

A narradora em primeira pessoa é a porta-voz da história de João. Ela não precisa de nome, pois, aos olhos de João, é insignificante, como todas. Arquiteta, adquiria apartamentos para reformar e vender, até o momento em que não pôde mais sustentar o negócio e assumiu o encargo de participar da reforma em uma editora praticamente falida. João trabalha com ela na editora, como técnico em TI, contratado para informatizá-la.

As histórias de João são contadas à narradora durante o expediente, pois quando anteriormente trabalhava na Xerox, que demandava viagens pelo Brasil e exterior, ele tinha a necessidade constante de ter relações sexuais com garotas de programa – não só ele, mas também outros colegas do trabalho, como seu amigo Cuíca. Eles as levavam para jantar, iam juntos a prostíbulos, compartilhavam as garotas. As traições de João, descobertas a partir de uma mensagem de celular, resultam no divórcio do casal.

João não se constrange em contar suas aventuras sexuais para a narradora, pois não a vê como mulher. Como ela mora com uma prostituta e seu filho (Mariana e

Gael) João acredita que seja lésbica – numa espécie de ensaio de machismo e preconceito velado. Para ele, o objeto de suas aventuras é insignificante, serve para completar o vazio de sua vida: “E no meio de uma e de outra garota, algumas não pagas, algumas que ele considera iguais a ele, transgressoras que são, mas todas apenas peças, ferramentas, de sua habitual estratégia de se sentir bem” (p. 161).

João esquece os nomes das prostitutas e ignora suas particularidades, tornando-as apenas histórias a serem contadas para a narradora, misturadas e semelhantes. Esta, por sua vez, coloca em dúvida a veracidade de suas próprias narrações: “Sobre o que falam os livros. Mentem. Dizem que são uma coisa, e dependendo de como se lê, de quem lê, são outra. João também, uma espécie de livro, ele próprio” (p. 42). E rotula as confidências ouvidas como “barbaridades”, dados os exageros das proezas narradas.

O romance convida o leitor a organizar os fatos, de vez que não é cronológico. Boa parte se passa nos anos 1980, de modo que a narradora explica o que acontece agora a partir das peripécias do passado. A alternância entre passado e presente é feita com naturalidade, demandando que o leitor saiba exatamente a que época os fatos se referem. Elvira Vigna testa a curiosidade do leitor, pois vários casos são esclarecidos só após terem ocorrido. Um exemplo é quando se narra o afogamento de Cuíca, na praia, enquanto Lola bebia uma “caipiríssima”. O leitor pode se questionar: como Lola foi parar na praia com Cuíca? A impressão é que se deixou escapar algumas páginas. Contudo, logo em seguida, o episódio é explicitado.

A autora faz uso de uma linguagem direta, econômica, pouco adjetivada, com frases duras e curtas e diálogos sintéticos. A ironia, a crítica e as informações repletas de lacunas solicitam que o leitor esteja atento à linguagem e ao ir e vir da narrativa. De tão fluída, pode-se ter a sensação de estar em uma conversa com a narradora, quase uma corrente de consciência, com muita repetição de palavras e frases. As personagens, entretanto, não são rasas: são complexas devido aos percalços da vida cotidiana, como relacionamentos e trabalho.

O livro não possui divisões, contudo o leitor consegue perceber que há dois momentos na narrativa. O primeiro corresponde às diversas histórias de João com prostitutas contadas à narradora, que ela descreve muitas vezes com desinteresse e ironia. Simultaneamente, apresentam-se as personagens da obra, que primeiramente

eram secundárias, como Cuíca e Lola, e que depois se tornam fundamentais para o desenvolvimento da trama. O segundo momento trata da vida de João, de que antes só se sabia por suas histórias sexuais. A disputa de vaidades, acobertada pelo “companheirismo” de Cuíca em dividir mulheres com o amigo e as atitudes transgressoras da ex-mulher deste se desdobram até o final do livro, com mortes e revelações.

Os dois ápices da narrativa têm a ver com a atitude da personagem Lola. O primeiro se dá quando a narradora descobre que Carlos Alberto, o homem que pagou bastante caro para se deitar com Lola em uma festa da corretora em que esta trabalhava, era Cuíca, o parceiro de investidas em prostitutas. O segundo é quando Lola e João vão para São Paulo para visitar o filho que iria estudar na USP e decidem passar na nova casa de Cuíca, que aderiu uma vida na praia e agora mora em Saquarema. Em um encontro entre os três na beira da praia, João pega uma “caipiríssima” para ele e Lola fica em um momento constrangedor com Cuíca. Ele já estava bebendo e é incentivado por ela a entrar no mar, para evitar uma conversa; Cuíca tem câimbra nas duas pernas e Lola o vê se afogar no mar, sentada em sua cadeira, de pernas cruzadas e tomando sua bebida. A narradora inocenta a sua atitude: “Lola não fez nada demais. Só não tem vontade de ir, tem vontade de ficar. Como João, que fez o que quis a vida dele inteira” (p. 206). Como Lola sempre se sentira invisível, decide manter sua condição de ausência no momento em que poderia ter salvado Cuíca. A defesa da narradora se justifica porque não só conhece bem a João, mas também a Lola.

É possível encontrar algumas intertextualidades no livro de Elvira Vigna. A primeira com Fernando Pessoa, insinuando uma possível bipolaridade da personagem com os heterônimos do poeta. Já a referência a *Grande Sertão: Veredas* surge quando a narradora conta que ganhou uma pequena herança de “Um tio latifundiário, solteiro e provavelmente gay, embora essa hipótese não fosse aventada” (p. 68). Ela traz à tona uma provocação de um antigo professor seu, que afirma sabermos a condição feminina de Diadorim porque o narrador é Riobaldo, e ele não diria algo diferente, assim garantindo sua heterossexualidade. O célebre quadro de Gustave Courbet, *L'origine du monde*, remete à parte do corpo feminino que representa a gênese do ser humano - a única que interessava a João e seus colegas de trabalho. A autora também

faz uma analogia entre Lola e Capitu, personagem de *Dom Casmurro*, quando João imagina a cena da morte do amigo. Nela, Lola fita Cuíca enquanto ele se afoga e não tem reação. Seriam os “olhos de ressaca” de Lola que teriam afogado o amigo de João?

O livro de Elvira Vigna evidencia a invisibilidade feminina em um mundo patriarcal, pois a narradora reconhece a relação de poder que os homens têm com mulheres que vendem ou não seus corpos e a sua objetificação. Como frisado por Regina Dalcastagnè (2005), a partir do Romantismo a literatura brasileira buscou a criação e formação de uma identidade nacional; já a literatura contemporânea visa dar voz ao discurso das minorias que, no caso de Elvira Vigna, corresponde ao das mulheres, a partir da literatura escrita por mulheres. O tédio da narradora em ouvir as histórias de João e as atitudes transgressivas de Lola indiciam o caráter crítico e feminista da obra em relação a um mundo dominado por homens, ao mesmo tempo em que expõem a fragilidade masculina e um sentimento de sororidade entre mulheres. A narradora “brava”, segundo o protagonista, que usa os mesmos palavrões da fala masculina, tenta proteger as outras mulheres do machismo institucionalizado em pleno século XXI.

Marina Malka

Mestranda em Letras da UFRGS